

Grotesco ~ UM gótico Épico

por GE Graven



Capítulo XVI



Lázaro jazia em uma cama de estopa recheada de palha; contudo, sua cabeça estava em outro lugar — em seu um corpo de sonhos familiar, porém ilimitado. E ele tinha plena consciência de que, caso um sonho se transformasse em pesadelo, poderia facilmente se animar o suficiente para conjurar uma paisagem onírica mais agradável. Contudo, talvez num lampejo peculiar de percepção, Lázaro concluiu que o único pesadelo do qual despertar era a realidade de seu confinamento atrás de uma porta rústica. Com isso, mergulhou ainda mais fundo em seu sonho. Afinal, estava sentado sozinho, no topo de uma colina gramada, ouvindo o canto dos pássaros e se aquecendo com o calor do sol de ver

Um verde brilhante contrastando com um azul profundo — as colinas ondulantes e o céu vasto se estendiam em todas as direções. Olhando ao redor, só então ele avistou o castelo, situado na colina logo atrás dele. A estrutura estreita e larga erguia-se em direção aos céus, rompendo o horizonte verde e azul com um brilho branco intenso. As múltiplas facetas de suas muralhas escalonadas e em terraços pareciam completamente lisas, sem janelas ou portas. Ele se levantou e caminhou em direção ao castelo, olhando para trás apenas uma vez, como se por acaso pudesse vislumbrar seu próprio corpo, ainda deitado em um colchão de palha enquanto se afastava.

Ao se aproximar da lateral estreita do edifício, ele descobriu uma única porta branca, vagamente visível apenas por uma fenda escura que percorria o perímetro de sua moldura. Lázaro abriu a porta, revelando um corredor escuro que levava ao interior. Semelhante aos do Benion da Abadia.

O túnel, com suas paredes de pedra cinzentas como catacumbas e reluzentes de umidade, exalava o mesmo odor adocicado de decomposição no ar úmido. A curiosidade o aguçou, e ele rastejou para fora com as pupilas, cada vez mais dilatadas, acompanhavam as curvas e reviravoltas do corredor escuro. Seus pés deslizavam como gelo sobre as lajes úmidas do corredor. Ao dobrar mais uma esquina, ele congelou e aguçou os ouvidos em direção a gritos distantes e ecoantes. Diante dele, um trecho iluminado... Bandeiras o atraíam com um brilho suave.

Para Lázaro, tudo não passava de um sonho — ele seguiu a luz até encontrar uma entrada. Espiou pela esquina e viu uma grande sala repleta de pessoas. Entrou sem chamar a atenção, avaliando o ambiente ao redor — era como se sua presença não tivesse qualquer consequência para os acontecimentos na sala. Absorveu tudo: soldados seminudos com espadas largas alinhados contra paredes iluminadas por tochas; e diante dele, um homem de túnica e capuz completo estava atrás de uma mesa semelhante a um altar, segurando... Ao lado dele estava uma bengala alta. Lázaro imediatamente o reconheceu como uma espécie de sacerdote. Lázaro procurou por traços sutis que pudessem revelar a feição de seu rosto, mas encontrou apenas uma escuridão sombria sob o capuz. No entanto, a superfície da mesa de pedra era claramente... Visível, com sua superfície chamuscada e escurecida, talvez revelando a presença anterior de frequentes incêndios. Era negra — ainda mais negra que a camada de fuligem das esculturas que outrora adornavam as paredes das catacumbas da Abadia. Ele olhou para trás do altar e para um homem que surgiu abruptamente ao lado do sacerdote, apresentando-se como um indivíduo grande, nu e desgrenhado, observando Lázaro atentamente.

"Tragam-no para fora!" gritou o sacerdote em direção à entrada.

Eljo se virou bruscamente e viu dois soldados avançando apressadamente, arrastando para dentro da sala um prisioneiro emaciado e nu. Lázaro recuou e inclinou a cabeça, tentando decifrar o significado da angústia constante do homem suado. E ele estava mesmo furioso com seus captivos; chutando e soprando, espumando pelos lábios, revirando os olhos e se debatendo. cabeça ossuda e sem pelos. Os dois soldados pararam o homem no centro da sala, forçaram-no a ajoelhar-se e abriram seus braços, esticando-o até a posição correta.

"Ele precisa ser corrigido", exclamou o padre sem rosto, batendo sua bengala contra o chão de pedra.

"Fiz certo?" perguntou Lázaro.

O padre se virou e disse: "Ele precisa ser curado."

Lázaro olhou para o homem maltrapilho ao lado do sacerdote, que apenas assentiu com a cabeça, mantendo-o com um olhar frio. Lázaro desviou o olhar e perguntou em voz alta: "Curado?". Mas antes que pudesse encontrar o olhar do homem selvagem, um soldado corpulento brandiu uma espada larga e decepou a cabeça do homem, fazendo-a rolar pelo chão ao lado de Lázaro. Ele saltou para trás, alternando o olhar entre a cabeça solitária e o torso inerte, que os dois soldados ainda seguravam firmemente no lugar.

Imediatamente, dois anões obesos, completamente vestidos com peles de animais, entraram na sala. Um carregava uma faca curva de trinchar; o outro empunhava um martelo de pedreiro e um longo prego de ferro. O anão com a faca correu em direção ao cadáver e talhou fatias de carne do toco do pescoço, nivelando o corte angular da espada larga. O outro homenzinho recolheu a cabeça do morto e a levou para a parte de trás do torso.

Então os dois anões trabalharam em uníssono; o primeiro se curvou e apoiou as mãos nos joelhos, permitindo que o segundo subisse em suas costas, ainda com a cabeça e o martelo na mão. O anão de cima colocou a cabeça para trás sobre o torso, abriu sua boca e cravou a estaca de ferro em sua língua, fixando a cabeça firmemente ao corpo. E tão rápido quanto apareceram, os dois anões saíram da sala.

Atordado, Lázaro desviou o olhar daquela cena grotesca e questionou o sacerdote.

"Por que?"

Ao que o sacerdote respondeu calmamente: "Ele era um demônio; estava quebrado, mas agora está restaurado."

"Consertado? Não; ele está quebrado!" gritou Lázaro; "Ele está morto!"

"Ele não é mais atormentado por suas paixões desenfreadas", explicou o padre. "Ele está em paz consigo mesmo. Agora ele está curado."

"A cabeça dele está virada para trás! Como é que ele está consertado?"

Por um instante, o sacerdote sem rosto apenas encarou Lázaro. Então, assentiu com a cabeça por baixo do capuz antes de se dirigir a ele: "Vejo que você também está tomado por uma paixão descontrolada — igualmente destruído." Apontou para Lázaro e se virou para os soldados. "Cuidem dele também."

Um soldado corpulento com uma espada larga ensanguentada avançou em sua direção quando Lázaro recuou lentamente, gaguejando: "Não; eu já estou curado. Quer dizer; eu não estou —"

Lázaro girou e fugiu do quarto, correndo pelo corredor escuro de onde viera, quando descobriu abruptamente que as curvas e voltas antes familiares do corredor haviam mudado. E a cada curva, a cada passagem ramificada, mais artérias se bifurcavam, como se o corredor explodisse em uma teia de túneis que, juntos, formavam um labirinto negro aparentemente inescapável. E cada nova passagem parecia incluir ainda mais escadas do que a anterior, como se cada direção delas o levasse apenas mais alto e mais fundo no grande castelo branco. E assim como se lembrava dos passos apressados e dos gritos dos soldados, enquanto era perseguido pelas catacumbas da Abadia.

Ele então ouviu sons semelhantes de guardas o perseguindo. Em sua mente, porém, sabia que estava apenas sonhando, pois seu corpo estava em outro lugar — em algum lugar distante dele — selado atrás de uma porta rústica, em um silêncio sepulcral, e repousando imóvel como talvez um cadáver na Cripta de Baston.

Contudo, Lázaro virou outra esquina rapidamente e descobriu uma porta rústica, reforçada com ferro, pela qual passou sem dificuldade e se trancou lá dentro, mesmo com um grupo de... Soldados passaram por ele em disparada, seus passos diminuindo na distância. Lázaro encostou-se à porta e suspirou.

"Você não deve estar aqui", sussurrou uma voz rouca atrás dele.

Assustado, Lázaro virou-se rapidamente. Diante dele, na pequena sala lacrada e repleta de objetos, estava... Um homem jazia numa cama de dossel com um lençol puxado sobre ele, deixando apenas a cabeça à mostra. E por baixo... À luz de uma lamparina de óleo próxima, Lázaro reconheceu as feições familiares do rosto do homem. "Como você pode estar aqui dentro e lá do mesmo jeito?" perguntou Lázaro, apontando para dentro. a direção de onde ele veio.

"Oh, não, não fui eu. Temos muita semelhança física", revelou o homem, com uma voz doentia e rouca. "É meu irmão maligno, aquele que você viu ao lado do padre. E ele vai te matar quando te encontrar. Não é seguro aqui. Ele virá; ele sempre vem aqui." Ele começou a tossir, arrotando enquanto gemia, e puxou o lençol ainda mais contra o pescoço, como se de repente tivesse sentido um frio intenso.

"O que há de errado com você?" , perguntou Lázaro, dando um passo à frente.

"O senhor é gentil, jovem. Estou melhor agora — melhor do que estava. No entanto, o senhor deve partir, para que ele não venha atrás do senhor como veio atrás de mim."

Lázaro voltou-se para a porta com toda a intenção de partir quando ouviu o som crescente de passos pesados, e talvez os mesmos ruídos dos soldados dos quais ele havia escapado. Ele se aproximou do homem enquanto examinava o cômodo. "Há outra saída daqui?"

"Você precisa se esconder", respondeu o homem; "Ele vem nos buscar!" Ele se virou para o outro lado da cama e sentou-se ereto, de costas para Lázaro, olhando por cima do ombro e repreendendo-o. "Você não deveria estar aqui, me interrompendo! Mas aqui está você!"

Gritos vindos de fora; a porta tremeu, como se tivesse sido atingida por socos.

"E agora preciso escondê-lo dele! Venha!" exclamou, levantando-se e virando-se. E quando o homem nu encarou Lázaro de frente, Eljo sentiu como se suas entranhas derretessem; pois todo o torso do homem estava completamente oco e limpo. de seus órgãos — o espaço vazio revelava apenas um útero enrugado e aberto de tecido vermelho que brilhava à luz do abajur . O homem oco andava furiosamente ao redor da cama e apontava para dentro de sua cavidade. "Depressa! Você precisa se esconder!"

Lázaro se afastou dele, mesmo enquanto as batidas na porta continuavam. "Lá dentro?" Não; mostre-me outro lugar."

"Não há outro lugar! Agora, entre, e eu o salvarei dele!"

Era como se as tábuas da porta tremessem com o rugido da marcha de um exército inteiro; e

Lázaro cedeu, acomodando-se completamente na cavidade quente e úmida do homem.

Uma vez lá dentro, Lázaro poderia ter surgido como um marsupial na bolsa da mãe, espiando de dentro da carapaça humana. Agora com Lázaro, o homem aparentemente grávido virou-se e caminhou em direção à parede do fundo do quarto, aproximando-se de uma única janela aberta que oferecia uma vista do céu noturno.

"Mas não vi nenhuma janela na parede", observou Lázaro. "E a luz do dia já não existe? Como pode ser?"

"Cale a boca", repreendeu-o o homem em um sussurro, "Para que ele não nos descubra! Vamos nos esconder do lado de fora da janela e ele poderá concluir que o quarto está vazio." E enquanto o homem se inclinava sobre o parapeito da janela, Lázaro vislumbrou o chão, que lhe parecia tão distante quanto a altura total dos muitos degraus. que ele já havia subido antes de encontrar o quarto vazio do homem. "Vamos nos pendurar para que ele não seja visto. Ele não encontrará ninguém lá dentro e continuará sua busca em outro lugar", acrescentou o homem, deixando-se cair pendurado contra a parede externa do castelo, com apenas os dedos para se segurarem.

"Em outro lugar?" perguntou Lázaro, mudando de posição apenas para sentir suas asas firmemente presas entre as costelas do homem.

"Cale a boca! *Shhh!*" sibilou o homem, quando o som de uma porta batendo indicou a entrada bem-sucedida do irmão malvado.

Lázaro prendeu a respiração ao ouvir as palavras latindo do gêmeo maligno do homem bom, dizendo:

"Prendam-no! Nada de espadas! Quero aquele menino quebrado — ileso!" — o que, para ele, era o suficiente. A própria voz do homem chamado Capitão Bourne.

Ao ouvir o caos do lado de fora da janela, Lázaro poderia ter tido a impressão de que soldados haviam revirado cada canto do quarto. Em seguida, um novo silêncio se seguiu, sugerindo que talvez a equipe de busca tivesse ido embora.

De repente, a voz ameaçadora do Capitão Bourne, vinda de cima, bradou: "Então, aí está você, com Jonas na barriga."

"Não faça isso! Eu imploro, irmão! Ajude-me a entrar pela janela! Não consigo segurar as duas mãos." nós!"

"Chegou a hora, irmão. Você não está bem — há algo errado com você."

"Socorro! Estou caindo—"

Lázaro estendeu um braço para fora do corpo oco do homem, tentando agarrar a borda, mesmo enquanto esta se desfazia. Ele despencou em direção à terra, ainda preso dentro de uma estrutura formada por costelas.

CRASH! Ele atingiu o chão com tanta força que chegou a lhe roubar o fôlego; contudo, rastejou para fora dos destroços do homem, tentando despertá-lo. "Precisamos

"Fujam! Depressa!" Mas o bom homem estava morto. Lázaro parou para contemplar o terrível. Os acontecimentos eram apenas os indícios de um pesadelo — e talvez ele pudesse escapar do momento acordando, de alguma forma.

"GRRR!" Lázaro se virou e viu um grande cão vermelho ao seu lado, perseguindo o próprio rabo. Ele se levantou lentamente e a besta maltrapilha parou de repente e se virou, como se o tivesse notado. Então, rastejou para frente e parou. Sob a luz das estrelas, Lázaro viu suas feições doentias — seus olhos lacrimejavam; sua boca espumava; suas patas tremiam, e seus pelos carmesins pareciam oleosos e emaranhados. Era como a Morte de quatro patas, que se recusava a se aceitar. A besta implorou a Lázaro, como se estivesse fora de si, mostrando presas quebradas e apodrecidas: "Bondoso senhor, preciso beijá-lo no pescoço. Eu imploro; por favor, me ajude para ficar bem."

"Eu... me perdoe; eu... não posso", murmurou Lázaro, recuando enquanto se afastava do cão visivelmente moribundo. Ele procurou ao redor e se viu em uma colina isolada, sem nenhum vestígio de um castelo branco. E não havia árvores; nada se mostrava aparente, exceto uma paisagem de colinas ondulantes aparentemente infinitas que se estendiam sob um céu negro e vasto — e a besta doente à sua frente.

"Mas você deve", insistiu o animal em pensamento. Ele mancava à frente, diminuindo a distância entre eles, enquanto mostrava mais de seus dentes podres. "Só preciso de um beijo." Você deve confiar em mim; serei gentil."

Lázaro balançou a cabeça. "Não, não posso. Há algo de errado com você — e com o que você me pede."

"Não há nada de errado. Um beijo e eu ficarei curado."

"E o que será de mim depois?", perguntou Lázaro, dando um passo para trás rapidamente.

A fera trotava atrás dele, pensando em voz alta: "Por favor, empreste-me a lateral do seu pescoço para um simples beijo, meu senhor."

Lázaro virou-se e disparou. Saltou para o ar e abriu as asas, mirando os céus ao entardecer.

O cão da morte o seguiu; não tentou fugir, mas continuou a trotar logo atrás dele, repetindo mentalmente as palavras: "Seu pescoço, senhor?"

Lázaro batia as asas e não ganhava altitude. Repetidamente, ele saltava para a frente, debatendo-se. Ele abriu as asas e voltou a ficar de pé, parecendo um pássaro com as asas cortadas, tentando voar. Para Lázaro, parecia que o ar havia perdido a tensão, tornando suas asas incapazes de qualquer sustentação significativa. E ele lançou um olhar furtivo para trás para ver o cachorro, ainda o seguindo; no entanto, a besta agora trotava ereta sobre as patas traseiras — caminhando ereta.

“Seu pescoço, senhor?!”

Lázaro recolheu as asas e disparou em corrida. Atravessou as colinas, fugindo da besta grotesca, mas não avançou — era como se o ar tivesse se transformado em gel; ou como se estivesse atravessando água. Não encontrou nenhum lugar discreto para se esconder nem um caminho reto para seguir, pois a terra se estendia infinitamente, irregular e em todas as direções. E para ele,

A ideia mais perturbadora de todas era a de que ele não estava sonhando — que não podia simplesmente acordar daquele momento, que parecia, em todos os sentidos, um pesadelo implacável.

Mais uma vez, ele se virou e descobriu que o cachorro ereto havia se transformado no sacerdote encapuzado de que se lembrava do castelo branco.

“Seu pescoço, senhor?” gritou o padre, correndo atrás dele com sua bengala alta. “Conserte meu!”

“Não!” Lázaro cuspiu as palavras. “Deixe-me em paz!”

“Não!” respondeu o homem de túnica. “Me conserte!”

Ainda caminhando, Lázaro viu o homem puxar o capuz, revelando o rosto familiar, que também pertencia aos irmãos gêmeos — agora eram três.

Ele se impulsionou para a frente, inclinando-se contra o vento, que era como água, até que suas mãos quase tocassem o chão. Então, agarrou a grama e se puxou para frente enquanto corria, usando os braços como se fossem duas pernas a mais. A cada nova passada, ele arranhava o chão com os dedos, arrastando a terra cada vez mais rapidamente sob si. Novamente, ele Olhou para trás e percebeu a distância crescente entre ele e o padre.

Então ele avançou, firmando-se firmemente sobre as quatro patas, para galopar sobre as colinas e abrir caminho, mesmo enquanto testemunhava uma mudança abrupta em suas feições — um longo focinho surgiu em seu campo de visão. E como um cão selvagem, ele voou contra o vento.

TUM-CRASH! Lázaro saltou da cama num pulo quando tochas e soldados armados invadiram o quarto e o cercaram. Num evento aparentemente vago e repentino, Lázaro se viu amarrado e sendo levado rapidamente para fora do quarto. Os homens o arrastaram por um corredor que o levava para longe da porta do fosso e em direção ao coração do castelo.

Fileiras de soldados prontos alinhavam-se em seu caminho através da passagem contínua, subindo uma escadaria em espiral até um corredor mais amplo no segundo andar. Seus acompanhantes conduziram Lázaro por uma entrada em arco. Durante o trajeto, o odor combinado de feno, suor, urina e sangue tornou-se mais distinto; e Lázaro franziu o nariz.

Por fim, ele viu as paredes cederem, revelando um vasto recinto — um grande salão com paredes imponentes e teto abobadado. Os homens o levaram ao centro do salão e

ordenaram que ele permanecesse ali, enquanto se juntavam aos seus companheiros soldados, que estavam encostados nas muralhas do perímetro. E a entrada de Lázaro provocou uma série de sussurros e suspiros que se espalharam pelo salão, os muitos ruídos se misturando em um único som que poderia ter assemelhava-se ao sibilar incessante de uma serpente monstruosa. Lázaro examinou o grande salão e suas massas reunidas.

À sua esquerda, mulheres desesperadas e crianças aterrorizadas se aglomeravam diante de uma série de arcos. Em meio a elas, ele reconheceu o rosto familiar do criado, que viera servi-lo, mas a quem dispensou com carne. Contudo, não viu a lavadeira nem suas três criadas. E além dos criados e das crianças, notou uma fileira de soldados, esticando o pescoço para vê-lo melhor.

À sua frente, uma plataforma elevada, semelhante a um palco, estendia-se da parede, sobre a qual, em disposição semelhante a um coro, estavam dispostos vários homens em fileiras. Alguns eram cavaleiros, em trajes de gala, outros vestiam vestes de dignitários; contudo, a maioria estava vestida com roupas modestas. Bem à frente deles, uma longa mesa de muitas pernas também se erguia sobre a plataforma. Uma toalha de mesa esfarrapada e amassada cobria um terço do tampo, com o excesso se espalhando sobre as lajes. Manchas e borrões marrons manchavam o tecido, indicando vestígios de sangue derramado por espadas brandidas. A parte exposta do tampo da mesa estava repleta de capacetes, lâminas e outros objetos diversos.

À cabeceira direita da mesa, um homem estava sentado em uma cadeira ricamente esculpida e parcialmente quebrada. Com as pernas cruzadas, os pés levantados e as botas ensanguentadas apoiadas sobre a mesa, Lázaro, com sua presença imponente e olhar penetrante, sugeria a identidade do absoluto. autoridade — ele era o único homem sentado à mesa. O homem era de estatura considerável, Com olhos bem separados, bochechas largas e barba espessa. Seus cabelos grossos estavam achatados contra a cabeça, como se comprimidos pelo calor abafado de um capacete. Ele tinha uma bandagem no braço direito e segurava um pergaminho na mão boa. Em suma, sua postura e comportamento eram os de um homem perturbado, com os pensamentos interrompidos por uma distração repentina.

À sua direita, fileiras de besteiros prontos alinhavam-se em frente a colunas de madeira maciças e espaçadas uniformemente, que ladeavam um alto muro. Uma grande entrada centralizava-se no muro; seu batente e portas duplas com reforços de ferro estavam amassados e curvados. As portas permaneciam fechadas de forma irregular, oferecendo a Lázaro um vislumbre do céu noturno; e ele avistou o mais alto. curva de uma lua crescente que o observava por cima do topo de uma muralha.

'Nunca o céu me parecera tão próximo e, ao mesmo tempo, tão distante', concluiu ele.

Ele olhou para trás, em direção à entrada do corredor por onde viera, para vê-la.

igualmente congestionada de soldados; no entanto, a muralha traseira adjacente permanecia desprotegida, com apenas um amontoado de estopa recheada de feno contra sua base. Na face da muralha, havia Uma série de tapeçarias antigas, bordadas com insígnias coloridas e brasões, estava pendurada. No entanto, a disposição simétrica das tapeçarias revelava um espaço vazio entre elas — uma área que parecia pedir por cobertura, por se tratar de uma região de pedras de parede de cor mais clara.

“Lázaro Gogu; é isso que você diz que é?”

Lázaro se virou e encontrou o homem agora de pé, com o pergaminho ainda na mão.

“Eu sou Lorde Hugon; autoridade reinante sobre estas terras.”

“Meu Senhor.” Lázaro o cumprimentou com uma profunda reverência. Ele se levantou para ver Hugon.

examinando o pergaminho com olhos atentos.

Enquanto lia, Lázaro o viu inclinar a cabeça; franzir os lábios e erguer a sobrancelha; levantar a cabeça e lançar-lhe um olhar penetrante.

Ao que Lázaro assentiu com a cabeça e respondeu secamente: "Meu Senhor".

“É o que você diz”, anunciou Hugon em tom de trombeta. Ele se virou para trás e chamou, de dentro da formação semelhante a um coro, um dignitário trajado com vestes suntuosas. Assim que o homem se acomodou à mesa, Hugon Apontou o pergaminho para Lázaro e acrescentou: "E assim verei".

Lázaro observou o homem de meia-idade e bem-apegoado colocar uma pilha de pergaminhos novos sobre a mesa. O homem de túnica colocou vários tinteiros com penas prontas ao lado da pilha antes de se ocupar com a montagem intrincada de um tripé de latão . Lázaro suspirou e lançou um olhar furtivo para as portas desgastadas do salão e para a lua exposta.

“Avancem devagar”, ordenou Hugon.

Lázaro se aproximou, mas Hugon o deteve com um gesto de mão, dizendo:

"Fique aí."

Lázaro concordou e voltou sua atenção para a preparação meticulosa do aparelho metálico feita pelo homem . O dispositivo incomum tinha pouco mais de trinta centímetros de altura, apoiado em três pernas desdobradas; e sustentava, verticalmente em sua estrutura, um prato de latão fixo e côncavo, com um diâmetro ligeiramente inferior a trinta centímetros. Lázaro avistou a superfície interna brilhante do prato, que reluzia como um fino espelho de latão, toda a sua superfície cintilando, exceto por uma fina faixa perimetral, contínua e sem polimento, que parecia conter gravuras detalhadas. O homem fixou o disco em suportes e, enquanto ajustava a inclinação horizontal e vertical do objeto com uma série de alavancas, Lázaro estudou sua parte posterior, ainda sem acabamento. A superfície continha uma grande gravura ornamentada — a de uma serpente alada, enrolada sobre si mesma, devorando a própria cauda.

No entanto, a complexidade e o design extraordinário do aparato não terminavam com o prato. As duas pernas do tripé, que ficavam mais próximas do homem, sustentavam uma prateleira suspensa e saliente, sobre a qual repousava uma pequena caixa refletora com um obturador deslizante. O homem colocou uma vela acesa dentro da câmera. Ajustou o obturador, focando no espelho de latão, até que Lázaro viu o rosto do homem brilhar com o reflexo da chama. Então o homem virou-se para Hugon e acenou com a cabeça, com um brilho nos olhos; contudo, fez um gesto com o dedo indicador levantado, como que a sugerir que precisava de mais um momento para se preparar.

Os olhos de Lázaro também se voltaram para Hugon; contudo, em seu olhar amplo, ele reconheceu um rosto familiar na disposição de pessoas atrás da mesa, semelhante a um coro — e com ele, um olhar inesperadamente frio e distante de ninguém menos que o próprio Lorde D'Alcicourt. Lázaro o encarou, talvez na esperança de vislumbrar um lampejo de boa vontade. Contudo, D'Alcicourt apenas o observou por cima do ombro de outro homem sentado, oferecendo a Lázaro nada mais do que um olhar vazio.

Hugon desafiou Lázaro, agitando o pergaminho. "Em minhas mãos, tenho o registro de suas palavras. Você se declara Lázaro Gogu, um homem voador cristão." Hugon franziu a testa e assentiu com a cabeça. "Veremos."

"Lorde D'Alcicourt", gritou Lázaro na direção do lorde deposto. "Se for da sua vontade, meu lorde, imploro sua ajuda." Mas D'Alcicourt nunca mostrou o rosto.

"Cale a boca!" bradou Hugon, atirando o pergaminho sobre a mesa e saltando da plataforma elevada. Ele investiu contra Lázaro, desembainhando uma adaga.

Lázaro prendeu a respiração quando Hugon colocou a lâmina em sua garganta.

As palavras de Hugon ecoaram pelo salão: "Eu sou o único Senhor destas terras!"

Mais uma vez pronunciar o nome dele e sua cabeça estará aos meus pés! Vocês me entendem?"

Lázaro engoliu em seco e assentiu. "Perdoa-me, meu Senhor."

"Só desta vez", respondeu Hugon com firmeza. "Não perdoarei tal ofensa mais de uma vez."

"Vossa misericórdia, meu Senhor", declarou Lázaro, baixando o olhar para a lâmina na mão de Hugon.

Hugon recolheu a faca, resmungando: "De fato, estou; mas não com aqueles que poderiam conspirar para me assassinar enquanto durmo." Ele agarrou o braço de Lázaro e o conduziu até o homem de vestes longas e seu estranho dispositivo de latão, perguntando ao homem: "Seu prato está pronto?"

"Só mais um instante", ofereceu o homem antes de corrigir Hugon, com um forte sotaque italiano: "Moonwindow, meu senhor... não é um prato".

"Apreste-se", ordenou Hugon ao homem, encarando Lázaro. "Preciso saber."

Ele fitou profundamente os olhos de Lázaro e exclamou em voz alta: "Verdadeiramente azuis, como o mar mais profundo." Bateu com a lâmina na bochecha de Lázaro. "Abra-se."

Lázaro abriu a boca.

"E que dentes grandes você tem... parecem dentes de lobo." Ele bateu a lâmina contra um dente canino quando Lázaro recuou bruscamente e selou os lábios. "De fato, são." Hugon sorriu de canto para Lázaro, que franzia a testa, antes de se aproximar dele.

Lázaro o observava pelo canto do olho.

Hugon moveu delicadamente sua adaga para afastar uma mecha de cabelo negro e expor a orelha virada para baixo de Lázaro. "Que orelhas estranhas são essas: de gato, de cachorro ou de demônio?"

"Cristão, meu Senhor", defendeu Lázaro.

"Como você disse", respondeu Hugon, agora circulando atrás dele. "E essas asas monstruosas são de que pássaro, morcego ou besta?"

"Um homem voador, meu Senhor", respondeu Lázaro. "Sou um homem voador cristão."

"É o que você diz; no entanto, eu só vi asas assim em descrições superficiais de demônios e dragões. Elas são desprovidas de penas e não possuem a beleza das asas dos anjos."

E eu nunca vi um esboço de um homem cristão voador." Hugon inclinou-se ao lado dele e sussurrou: "O que você acha disso?"

Lázaro cerrou os dentes, virou-se e dirigiu-se a Hugon: "Se for do vosso agrado, meu Senhor, podereis mandar fazer um esboço meu."

Num gesto amplo, Hugon se afastou, ergueu sua espada, abaixou-a, deu uma risadinha e assentiu, admitindo: "E inteligente também. No entanto, me agradaria ainda mais se você ... gentilmente abrisse suas asas."

Lázaro suspirou e abriu as asas; e todo o salão prendeu a respiração.

"Silêncio!" Hugon latiu, incapaz de desviar o olhar de Lázaro. Deu um passo para trás e contemplou a imponente extensão das asas, de ponta a ponta; e balançou a cabeça. "Não são asas de anjo, de fato — bestiais demais — até mesmo horríveis."

Lázaro recolheu as asas enquanto Hugon circulava ao seu redor e olhava por cima da mesa, e na direção de um cavaleiro parcialmente vestido. Ele o questionou: "Você encontrou o bispo e o escriba?"

"Não, meu senhor", respondeu o soldado com voz rouca. "E eles não estavam entre os mortos."

Hugon assentiu com a cabeça e voltou-se para Lázaro com visível decepção. Limpou a garganta, aproximou-se rapidamente de Lázaro e cruzou os braços num gesto de desafio. "Num depoimento sob juramento, você afirmou ser capaz de voar, sem precisar descansar, por metade de uma noite."

"Sim, meu Senhor."

Hugon estreitou os olhos e inclinou-se para a frente, acrescentando: "O que me leva a perguntar: por que você disse 'por metade de uma noite', em vez de 'por meio dia'?" Hugon inclinou-se na direção de Lázaro.

Estando tão perto, Lázaro podia sentir sua respiração. Hugon puxou o colar de couro de Lázaro para expor a cruz de madeira que ele usava por baixo da blusa preta. "Há algo que o impeça de voar à luz do dia?", perguntou, esfregando a cruz entre os dedos enquanto fitava os olhos de Lázaro, aguardando resposta.

Lázaro desviou o olhar antes de dar uma resposta reflexiva: "Os céus mais frescos da noite são mais adequados para os trabalhos do voo, meu Senhor."

Hugon ponderou sua resposta com os lábios franzidos antes de assentir. "E suponho que voar não seja tarefa fácil; assim como algumas batalhas são melhor travadas sob a luz da lua." Então, lançou um olhar severo a Lázaro, continuando: "E assim como alguns homens são melhor mortos na serenidade do sono."

"Talvez, como diz o senhor, meu Senhor", sugeriu Lázaro.

Hugon soltou a cruz de oração, deu um passo para trás e desembainhou seu punhal. "Levantem as mãos."

Lázaro cerrou os dentes quando Hugon cortou a corda que prendia seus pulsos, dizendo: "Você tem dentes de demônio; orelhas diabólicas; asas de dragão; e um olhar azul gélido que emana de seus olhos como o de um mar de gelo."

A corda deslizou, enrolando-se no chão.

"Meu Senhor, eu sou um cristão voando —"

"Veremos!" exclamou Hugon.

Lázaro inclinou a cabeça.

Hugon observou: "Não vos liberto das vossas amarras por confiança ou bondade."

"Meu Senhor?"

Hugon explicou: "Enquanto um demônio estiver preso, ele dirá e fará qualquer coisa para se libertar. Agora você está livre para falar e agir diante de mim da maneira que quiser." Hugon guardou sua espada e apresentou as mãos vazias. "Se deseja me matar, sua hora é agora."

Lázaro lançou um olhar furtivo por trás de Hugon para perceber que D'Alcicourt ainda se escondia atrás de outros homens. Então, dirigiu-se a Hugon: "Não desejo causar mal a ninguém, meu senhor."

"Não importa, seus desejos ou palavras", retrucou Hugon, pegando Lázaro pelo braço e aproximando-o ainda mais do homem de vestes longas à mesa, "eu descobrirei suas verdadeiras intenções." da placa lunar." Ele perguntou ao homem: "Você está pronto?"

"Quase, meu senhor", respondeu o homem antes de espiar ao lado da engenhoca e sussurrar para

Hugon: "Não é um prato lunar, nem um prato de janela, nem uma janela de prato."

É uma janela para a lua.

Hugon o dispensou com um gesto petulante da mão. "É isso aí! Faça o que tiver que fazer; eu..."

Agora tragam o homem alado diante de vocês.”

“Janela da lua, meu senhor?” perguntou Lázaro.

Hugon o encarou com raiva. “De fato. O único e verdadeiro olho divino do destino — onde as vidas de homens que ainda não viveram e as formas de reinos, ainda por nascer, são esculpidas para sempre.”

“Em pedra.” Com um gesto e a mão aberta, Hugon apresentou Lázaro ao homem de vestes longas: “Permita-me apresentar-lhe meu maravilhoso astrólogo e sacerdote, Albeard de Elhosie. Como profeta dos profetas e meu vidente pessoal, Albeard foi quem o viu entrar furtivamente pela janela da minha torre e me matar com uma adaga enquanto eu dormia.”

Lázaro cerrou os dentes, fechou os olhos e ponderou sobre a acusação aparentemente absurda. E, em sua breve reflexão, concluiu que alguém havia informado Hugon sobre um plano proposto, que incluía ele, uma adaga e uma janela da torre. Ele olhou na direção de D'Alcicourt; e seus olhos o procuraram; contudo, o lorde deposto permanecia oculto na multidão. E ele girou e examinou os servos, procurando por outro rosto familiar na multidão; contudo, não encontrou sinal de seu criado. Da mesma forma, não avistou a lavadeira ou suas criadas entre eles. Lázaro suspirou e se defendeu com um apelo ao óbvio: “Contudo, o senhor não está morto, meu lorde. E tenho permanecido sob constante vigilância desde a minha chegada. Eu não seria capaz de tal ato.”

Hugon sorriu com desdém e assentiu. “Ah, mas você fez isso — três noites atrás — e mesmo assim eu impedi sua mão assassina!”

Uma vertigem invadiu Lázaro, que respirou fundo. “Meu Senhor, se for da sua vontade, não compreendo o que quer dizer.” Ele balançou a cabeça. “Se o Senhor tivesse impedido minha ação, como afirma, eu não teria conseguido fazer tal coisa — nem mesmo três noites atrás.”

Ao que Hugon respondeu: “É a graça de Deus, do meu astrólogo e de sua maravilhosa janela —”

“*Moonwindow*, meu senhor”, interrompeu gentilmente Albard.

“Aquele mesmo”, afirmou Hugon, continuando: “E com o dom de Albard e sua — bendita máquina — posso testemunhar eventos antes que aconteçam. Verdadeiramente, vi meu próprio destino —”

Hugon virou-se e proclamou para todo o salão: “—Como futuro rei de muitos reinos!”

Seus soldados ergueram os braços e gritaram em coro de vivas. Hugon sorriu antes de se calar. Ele percorreu o salão com uma mão tranquilizadora. Voltou-se para Lázaro, afirmando: “Será preciso mais do que um homem voador e uma adaga para desfazer o destino que Deus me reservou.”

Lázaro olhou para Albard; contudo, o homem de vestes apenas retribuiu o olhar com os olhos semicerrados e assentiu enquanto reposicionava os pergaminhos à sua frente. O homem retirou uma pena de um poço, bateu com a ponta para secá-la e, sem desviar a atenção dos preparativos que continuava,

informou Hugon: “Meu Senhor, chegou a hora.”

Hugon assentiu com um aceno de cabeça e ordenou que Lázaro permanecesse onde estava. Em seguida, subiu na plataforma de pedra e contornou a mesa, atirando seu punhal sobre ela. Ao retornar para sua cadeira parcialmente carbonizada, Hugon chamou a todos no salão: “Todos os meus homens de armas conhecem o procedimento — exijo silêncio absoluto.” Então, ele se virou para os servos do castelo. “E espero que meus novos servos cumpram o mesmo. Além disso, cada mulher deverá cuidar da criança ao seu lado; e cada uma responderá por qualquer perturbação causada à sua criança. Meus homens agirão rapidamente para silenciar qualquer perturbação — até mesmo para atacar! Não se enganem quanto às minhas palavras, pois não há desculpa com a qual negociar, uma vez que Está feito! Agora, assumam seus novos papéis!

As mulheres se aglomeravam entre os servos reunidos, agarrando crianças e puxando-as para... seus seios, passando os dedos pelos lábios e sussurrando ferozmente em seus ouvidos.

As crianças assentiram com a cabeça e as mulheres as aconchegaram enquanto uma nova calma se instalava entre os criados.

Hugon olhou por cima do ombro e dirigiu-se ao coro de dignitários e cavaleiros trajados com vestes suntuosas, que se alinhavam ao longo da parede. Acenou com a mão, dispensando-os, e disse: “Afastem-se de nós; abram espaço para a revelação”. Como uma onda, a disposição começou a se dispersar, oferecendo espaço apenas para Hugon e seu astrólogo. Ele se virou e apontou para Lázaro, proferindo um aviso conciso e severo: “Mova-se ou fale, e você morrerá”. Em seguida, estalou os dedos na direção da fileira de besteiros que se posicionava contra as portas duplas e avariadas do salão, antes de gesticular para ele. Obedeceram, apontando seus arcos para Lázaro.

Lázaro prendeu a respiração, desviando o olhar de Hugon para o astrólogo e, em seguida, para o grupo de homens que se movia atrás deles e da mesa. E, enquanto os homens continuavam a se dispersar, mais adiante na parede, Lázaro avistou novamente o rosto de Lorde D'Alcicourt. e o encarou. Contudo, D'Alcicourt não se moveu com os outros homens; permaneceu imóvel, com os olhos friamente fixos nele. E Lázaro balançou a cabeça e deu de ombros, sugerindo silenciosamente a pergunta: 'Por quê?' E naquele instante, Lázaro compreendeu perfeitamente o motivo do distanciamento contínuo de D'Alcicourt . Antes que pudesse se recuperar do choque da revelação, Lázaro soltou um sibilo alto que fez o salão inteiro vibrar — pois Lorde D'Alcicourt não tinha torso; em vez disso, apenas a haste de um alto candelabro de chão servia de lança para sustentar sua cabeça decapitada.

“Arcos erguidos! Ataquem-no!” gritou Hugon. Soldados correram ao seu comando e, enquanto os besteiros erguiam suas armas, uma fileira adjacente de espadachins rompeu suas posições e cercou Lázaro, formando um círculo fechado de espadas desembainhadas. “Se ele

“Movimentos, atravesse-o!” Então, dirigindo-se diretamente a Lázaro, ele disse: “Proíbo toda fala demoníaca e grito de demônio! Homem voador ou não; se você sibilar para mim novamente, morrerá onde está.”

“Não farás —”

"Silêncio!"

Lázaro desviou o olhar; contudo, de todos os ângulos, só via lâminas erguidas. Uma gota de suor lhe ardeu no olho; suas orelhas queimavam, e sua memória foi invadida pela lembrança de Frei Clódio e sua bengala de correção.

Hugon caminhou furiosamente para o lado oposto do astrólogo, estalando os dedos impacientemente e apontando para a Janela da Lua.

O astrólogo posicionou uma pena mergulhada sobre um pergaminho em branco e inclinou-se diretamente diante do prato espelhado.

Em todo o salão, nem mesmo uma tosse ou espirro desafiava o silêncio imposto ; enquanto o astrólogo permanecia sentado, extasiado com o brilho convergente da Janela da Lua.

Lázaro concentrou-se no homem, cujo olhar penetrante se fundiu com a luz da placa refletora do tripé . A testa do homem endureceu e seus olhos recuaram como os de uma ave de rapina em busca de algo, fitando a eternidade. Os lábios do homem tremeram enquanto ele murmurava para si mesmo, e Hugon recuou cuidadosamente, de modo a não o perturbar.

Hugon esgueirava-se pelas costas de Albeard , espiando por cima do ombro dele e observando o pergaminho em branco. O astrólogo hipnotizado, embora absorto em seu aparato, escrevia palavras enquanto Hugon as repetia silenciosamente para si mesmo:

Onde criaturas selvagens se reúnem com chacais.

Demônios se reúnem com chamados zombeteiros

Em repouso, assim empoleirados sobre ninhos de coruja.

Uma sombra angelical devastadora repousa.

Invocando luxúria, a ponto de roubar Sua semente

Em sonhos, será que esta Rainha dos Demônios se reproduz?

Lutando com o Homem, enquanto ela —

O astrólogo se virou para Hugon enquanto seu rosto brilhava intensamente sob a luz da Janela da Lua.

"Meu Deus, não!" ele exclamou, com os olhos marejados.

Hugon inclinou-se para trás, pensativo. "Sabe Deus o quê?"

Imediatamente, a Janela da Lua chamou a atenção dos dois homens, pois agora brilhava com um tom azulado; e, bem no seu centro, um ponto de luz azul mais intensa se espalhava, crescendo.

em um anel azul que se expandia lentamente para fora e em direção ao perímetro circular do espelho de latão.

“Que novidade é essa?” perguntou Hugon, afastando-se do astrólogo e de sua Janela Lunar. “O que acontece?” Ele puxou seu punhal da mesa. “O que te domina?”

O astrólogo olhou para Hugon, rindo e chorando ao mesmo tempo. Deu de ombros. “É a mãe dele.”

Ele cruzou os dedos na testa, fazendo o sinal da cruz, e continuou rindo entre lágrimas enquanto se levantava e encarava Hugon. “São Denis, proteja-nos.” Hugon pressionou sua adaga contra o peito do astrólogo. “Acalme-se! Conte-me!” O homem tentou responder com hesitação: “Sua mãe... não... não podemos falar dela, meu senhor!” Ele agarrou o braço de Hugon. “Não aqui; não agora! Não!”

Hugon virou-se e deu um tapa na Janela da Lua, derrubando-a da mesa e fazendo-a voar pelo corredor. Ela parou diante dos criados aterrorizados. Ele pressionou a lâmina contra o pescoço do astrólogo.

“E quanto à mãe dele?”

O homem se sujou e chorou.

Hugon insistiu: “Quem é ela?”

“Ela é... eu imploro a Ti, meu Senhor.”

Hugon pressionou a lâmina sob o queixo.

“Ela é: Lil— meu Senhor, não podemos!”

Hugon deixou escapar um fio de sangue. “Um... um pouquinho de quê?”

“Não”, insistiu o astrólogo, “Meu Senhor, agora não!”

“Agora!” rosou Hugon.

“*Lilith! Heyle! Lucifael! Estrela da Manhã!* Ela tem muitos nomes”, ele gritou antes de desmaiar. caiu no chão e desmoronou, transformando-se num homem egocêntrico e choroso.

“*Uau! Uau!* Um toque de corneta distante ressoou do lado de fora do salão do castelo. Hugon voltou sua atenção para as portas duplas, reforçadas com ferrolho, que estavam meio trancadas, e fez um gesto para que seus homens reforçassem a entrada. Do lado de fora do salão, entre o chamado às armas distante e urgente, Hugon ouviu ordens apressadas de defesa imediata junto às portas duplas, juntamente com gritos sobrepostos e horrendos de soldados moribundos. As portas O local era sacudido pelo som de socos e golpes de alabardas; e permeado por uma tensão, acentuada por gritos abafados de urgência.

O interior do salão se encheu de um silêncio sepulcral, enquanto centenas de olhares permaneciam fixos nas portas duplas. Lázaro, então, olhou para os servos reunidos e avistou um menino solitário, abrindo caminho entre crianças e mulheres que choravam. O menino se agachou perto da Janela da Lua e procurou por olhares sobre si, até que percebeu o olhar de Lázaro. Com um

Com um brilho nos olhos, ele fez um gesto na direção de Lázaro, pressionando o dedo contra os lábios antes de pegar a Janela da Lua e voltar furtivamente para o lugar de onde viera. Lázaro voltou sua atenção para Hugon e o encontrou girando e dirigindo-se à cabeça de D'Alcicourt: "O quê, em nome de Deus —"

Aparentemente, o breve olhar de Hugon sugeria uma tentativa de extrair dele qualquer revelação que... talvez revelasse alguma estratégia, por mais absurda que fosse, que poderia incluir atacá-lo depois que ele tivesse assegurado as fortificações inimigas. Contudo, ele rapidamente descartou a cabeça decepada e seus próprios cálculos desconexos; e voltou-se para a astróloga ferida. "Ela, quem? O que é essa Mulher Demônio de muitos nomes?"

BOOM! Uma explosão colossal sacudiu o salão até os alicerces. Servos e soldados se dispersaram, perdendo a vida, enquanto uma torrente de pedras do telhado desabava sobre o piso central do salão; e a força da explosão praticamente derrubou todos os guardas no chão. Detritos jorraram do teto, enquanto uma densa coluna de poeira se espalhava pelo chão, preenchendo cada canto do salão com fuligem e cinzas. E no rescaldo — naquele breve e contido momento, quando os homens se recompuseram desajeitadamente — quando a última poeira assentou e o silêncio se abateu sobre o salão como uma respiração suspensa —

Mulheres e crianças gritaram; homens se esconderam às pressas; e o grupo de espadachins fugiu de Lázaro, deixando-o agachado perto do chão, como se estivesse pronto para atacar a presença que se revelava diante dele. Com as orelhas para trás, os olhos arregalados, as asas abertas e as presas à mostra, Lázaro sibilou para o que a névoa dissipada revelava. Diante dele, o Gigante Suíno bateu as asas, arranhou o ar com as garras, ergueu as presas e se apresentou com um rugido estrondoso que fez até mesmo o castelo tremer e cair pedras de muro.

Sob arcos do teto comprometidos, colunas maciças de carvalho se estilhaçavam e quebravam sob o peso instável das pedras de sustentação. Gradualmente, como uma torre de Babel desmoronando, ainda mais do teto do salão cedeu, desabando sobre os céus. Seções inteiras ruíram. Em conjunto, suas pedras caíram sobre a terra como um golpe esmagador do martelo de Thor, achatando fileiras de soldados. Homens ilesos enfrentaram a Besta enquanto besteiros e arqueiros disparavam suas armas, cobrindo seu flanco mais próximo com virotes e flechas. O gigante rugiu e cambaleou para encará-los quando uma segunda onda de virotes o atingiu em cheio. Contudo, ele apenas grunhiu pesadamente e não avançou. Em vez disso, os ignorou e lançou seus olhos negros em direção a Lázaro. "Arrasa!" gritou Hugon enquanto mergulhava atrás da mesa e se arrastava pelo chão. Ele se apressou por cima do astrólogo encolhido e choroso antes de se esconder embaixo dele.

a mesa. Dignitários trajados com togas seguiram seu exemplo, aglomerando-se na parte inferior do móvel; e Ele lutou com eles em defesa do seu espaço.

Lázaro fixou o olhar no Gigante Suíno enquanto este se afastava pela lateral da mesa. E ele observou os movimentos do gigante curvado enquanto este avançava com garras abertas e asas esparramadas, mesmo enquanto mais flechas cravavam em sua pele eriçada e impassível. Lázaro parou e girou; e, de costas para a parede, encarou o gigante alado. Olho no olho — homem voador contra Besta voadora — Lázaro assumiu uma postura igualmente inflexível; agachou-se, abriu os braços sob as asas esparramadas e soltou um sibilo maligno.

O Gigante bufou e investiu contra Lázaro, brandindo um par de garras poderosas que fizeram a mesa voar pelos ares. Contudo, antes que o móvel se estilhaçasse — antes mesmo de atingir a parede —, o Monstro passou o outro membro pela massa de homens amontoados, fazendo -os rolar pelo chão do salão, transformando-os em uma massa disforme de restos contorcidos. Nas garras firmes do Demônio, Hugon poderia parecer apenas uma boneca atordoada e delicada. Lázaro tentou fugir, mas o gigante avançou e golpeou a parede com as pontas de suas presas. Preso, Lázaro virou-se lentamente e, naquele instante, vislumbrou um reflexo de si mesmo no olho do ogro — a imagem do próprio reflexo de Eljo, projetada em sua superfície negra e brilhante. Os cabelos de Lázaro ondulavam com o hálito pútrido da Besta. O Monstro manteve Lázaro preso entre suas presas e contra a parede.

“Socorro, homem voador!” Hugon ofegou, preso no aperto da criatura. A Besta o acomodou sob suas presas, aproximando-o de Lázaro; e Hugon começou a tossir e rir baixinho, como se descobrisse um humor macabro naquele momento incrivelmente horripilante. Ele olhou para Lázaro, acusando-o: “Você conjurou esta Besta! Um *cristão voador*, é o que você diz?”, enquanto o gigante puxava o homem de olhos arregalados e sorriso largo para longe de Lázaro, virava-o de lado e mastigava a medula de sua cabeça.

Uma torrente de flechas e lanças caiu sobre a Besta enquanto Lázaro se abaixava, rolando sob as enormes presas e recuperando o equilíbrio. Ele avançou em direção às portas duplas e parou diante de uma chuva de flechas de besta. Mesmo assim, a Besta o perseguiu. Soldados ergueram suas armas sobre Lázaro e o alvejaram com flechas, enquanto ele girava e dava meia-volta na direção oposta, contornando a periferia do salão. Através da poeira e dos destroços que continuavam a cair do teto, Lázaro avistou estrelas através de um enorme buraco; contudo, o gigante, movendo-se apressadamente, mantinha-se entre ele e uma visão clara do céu noturno.

A sala tremeu e rachaduras cada vez maiores se abriram nas paredes do salão, descendo rapidamente do teto como relâmpagos negros; e as pedras das paredes desmoronaram, dando início à ruína. Lázaro atravessou o lado oposto da plataforma e passou correndo pelo arco triplo que abrigava as mulheres e crianças agora falecidas. De repente, as colunas de sustentação desabaram quando uma avalanche de pedras caiu sobre ele, os destroços o derrubando sobre as lajes. Ele rolou e se levantou às pressas enquanto o ogro rugia sob uma chuva de pedras — e ele viu o buraco muito maior no teto, com seu céu negro acolhedor e mar de estrelas. Imediatamente, o céu desapareceu atrás das enormes asas abertas da Besta, enquanto ela marchava em sua direção. Então, ela parou e soprou.

Lázaro ponderou rapidamente o momento — era como se a Besta soubesse que ele desejava escapar pelo buraco enorme e o desafiasse a tentar. E Lázaro supôs que, dada a comprovada velocidade do Gigante Suíno, ele não conseguiria atingir a velocidade necessária na subida íngreme para se esquivar de seu alcance descomunal. Além disso, Lázaro concluiu que, mesmo que por sorte conseguisse escapar das garras da Besta em pleno voo, o Monstro certamente teria uma vantagem inicial — e por experiência, ele sabia que não conseguiria escapar das poderosas asas da Besta ao alçar voo. Lázaro considerou e descartou tudo isso instantaneamente, enquanto se afastava rapidamente a partir do ponto de apoio e aparafusado mais abaixo na parede.

Ele disparou na direção de onde os soldados o haviam escoltado até o salão; e avançou em direção à entrada agora desocupada, que levava às profundezas do castelo. Através de uma chuva de argamassa, o gigante crivado de flechas o perseguiu, abrindo caminho rapidamente entre montes de pedras e entulho. E num instante talvez indistinguível pela percepção ou por qualquer evento marcante, Lázaro atravessou a entrada no mesmo instante em que ela explodiu; e a explosão de pedras se desintegrando o arremessou ao chão. Contudo, ele se levantou rolando enquanto o gigante afundava a cabeça no corredor, para fuçar, rugir e bater suas presas contra as paredes em ruínas. Lázaro se lançou para a frente, começou a correr, contornou uma esquina e desceu uma escadaria sinuosa que dava para um corredor inferior do castelo. Ele saltou para a base da escada e se virou novamente, olhando para trás para ver uma grande onda de pedras, que se espalhava do vão da escada e caía em sua direção. Presas agitadas abriram caminho entre as pedras, revelando a cabeça enorme e escavadora da Besta perseguidora. As paredes do salão curvaram-se para fora e o teto desabou sobre a estrutura colossal da Besta, pois as dimensões menores do corredor não conseguiam acomodar sua massa. Mesmo assim, o Monstro prosseguiu, abrindo caminho cada vez mais

Lázaro desceu correndo pelo corredor e passou voando pela porta rústica e familiar de seu quarto.

antigo confinamento. Ele percorreu as curvas e voltas do corredor, contornou um arco e parou. Diante dele, onde esperava uma acolhedora porta de ferro do fosso, jazia um monte de soldados mortos. Avançou e avistou um rosto familiar perto da base da pilha — o do gigante soldado ruivo, com um olhar sonolento, encarando o nada, exceto o cabo quebrado de uma espada próxima. Acima do estrondo constante de um castelo desmoronando, o rugido retumbante da Besta o impeliu a retirar os corpos da pilha. Um a um, moveu os soldados mortos e os alinhou contra a parede e, a cada rugido da Besta — a cada tremor de seu novo ataque —, as paredes ao redor de Lázaro ondulavam com pedras que se moviam e desmoronavam. E quando removeu os mortos de frente para a porta, escalou os cadáveres restantes e lutou com a tranca de ferro da porta, que se recusava a ceder. Ele golpeou a tranca enquanto as lajes cediam sob seus pés. Argamassa escorreu da entrada da vala quando a porta de ferro cedeu sob a laje de pedra que a revestia, prestes a desmoronar.

"Abra!" gritou Lázaro, batendo com o ombro com força na porta. E tão rapidamente quanto surgiu, a tranca se estilhaçou, as dobradiças se desprenderam da argamassa de pedra; e ele caiu sobre a porta de um poço em ruínas, repleto de poeira. Contudo, em meio aos escombros revoltos, uma lufada de ar vespertino o envolveu e ele encontrou um manto de estrelas espalhadas acima de sua cabeça. Levantou-se rapidamente, saltou para cima e, com um estalo de suas asas, agarrou a borda superior do poço. Saiu com dificuldade, firmou os pés e contemplou o céu a leste, com sua lua crescente.

Lázaro respirou fundo, esporeou as asas e preparou-se para voar; quando a voz do prisioneiro cristão clamou de dentro do poço: "Lázaro, socorre-nos!" Ele se virou e olhou para baixo, através da névoa de poeira e escuridão, para descobrir os prisioneiros lutando com suas correntes e tentando arrancar os grilhões presos a eles da parede que desabava no fosso.

BOOM! O chão do pátio tremeu sob as botas de Lázaro, aludindo à determinação inabalável do Gigante Suíno de se enterrar completamente pelo corredor e sair do fosso atrás de Lázaro. De repente, Lázaro viu o cristão cair de costas, com sua corrente agora solta da parede desmoronada. Da mesma forma, o homem do norte bateu o pé nas pedras quebradas e arrancou suas algemas.

Lázaro se abaixou ao lado da cova, acenando veementemente e gritando: "Jogue-me sua corrente!" O cristão atirou a ponta solta de suas correntes em Lázaro. E Lázaro agarrou a corrente e puxou o prisioneiro para fora do buraco, rolando-o para o lado enquanto gritava para o homem do norte: "Agora, é seu! Depressa!"

Por sua vez, o gigante lançou sua corrente; e o cristão ajudou Lázaro a puxá-lo para um lugar seguro. "Vocês dois devem fugir! Um grande mal se aproxima!" Lázaro os advertiu antes de desaparecer na escuridão.

O homem do norte rolou no chão, estremeando com a dor de um cotovelo gravemente machucado, ao avistar o cristão, com as mãos erguidas, percorrendo o terreno, tentando acalmar e conter um grande garanhão branco. E quando o cavalo assustado fez menção de ultrapassá-lo em disparada, o cristão repetidamente se esquivava, impedindo cada fuga. O homem do norte gritou, segurando o braço: "Então, você vai roubar outro cavalo, é?"

O cristão lançou-lhe um olhar rápido e fulminante. "Não, vou salvar um cavalo de um grande mal." Agora, levante-se e me ajude!

No entanto, o homem do norte, já ferido, simplesmente rolou para o lado e voltou a sentir dores.

CRASH! Ao seu lado, as paredes do poço desabaram, pedras preenchendo rapidamente o vazio, enquanto uma nuvem de poeira subia em turbilhão, vinda de dentro do poço. O homem do norte saltou de pé e correu em direção ao cristão, sugerindo rapidamente: "Bem, se quisermos salvá-lo — e tudo mais — O cristão atirou-lhe a ponta solta da corrente e instruiu-o a recuar e formar uma cerca improvisada e móvel para encurrular a Besta. Em poucos instantes, o cavalo estava contido num canto do pátio. O cristão montou no animal, ajudou o companheiro a subir atrás dele, esporeou o cavalo para fora do pátio, em direção aos portões do castelo. O cavalo branco passou velozmente pelas muralhas e bateu o chão num galope selvagem.

"Então, o homem voador te salvou do próprio abismo do Inferno! O que você me diz disso, homem do norte?" perguntou o cristão por cima do ombro, em meio ao estrondo dos cascos.

O homem do norte gritou por cima do vento uivante: "Não, o homem voador te roubou da gloriosa Valquíria; então, presumo que seu homem Ja-Zeus vai esperar mais um pouco por você?"

"Ah, Ele não se importa", respondeu o cristão. "Mas acho que suas setenta e sete virgens não serão tão indulgentes!"

O homem do norte deu-lhe um tapinha firme no ombro. "Cuidado com a língua, cristão."

Os antigos prisioneiros das minas galoparam por uma planície iluminada pelo luar, rumo à liberdade da noite, quando avistaram uma lua cintilante e a silhueta minúscula, porém ainda visível, de um homem solitário voando, atravessando a janela redonda de tons dourados da lua.

[Fim do Capítulo 16]



Esta obra literária foi criada e exclusivamente em dedicação de

Edgar Allan Poe (1809-1849)

— Que seu legado viva em todos nós —



~[GothicNovel.Org](https://www.gothicnovel.org)~